

ABORDAGENS TERAPÊUTICAS E O MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA EM IDOSOS: UMA REVISÃO NA PERSPECTIVA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Monique Pereira da Silva¹
Andrielly Cavalcante Fonseca²
Maria Clara Soares Dantas³
Ana Cláudia de Queiroz⁴
Nayara Ariane Laureano Gonçalves⁵

RESUMO

O envelhecimento é um processo atrelado a mudanças fisiológicas e morfológicas, implicando na alta prevalência de doenças crônicas, repercutindo na dependência funcional, no declínio cognitivo e na constante necessidade de acesso aos serviços de saúde, afetando ainda a qualidade de vida do indivíduo idoso. Sendo estes mais susceptíveis a ocorrência de diversos agravos, como o câncer e respectivamente a dor oncológica, exigindo cuidados efetivos da equipe multiprofissional. Esse estudo tem por objetivo analisar as abordagens terapêuticas aplicadas para o manejo da dor oncológica em pacientes idosos sob a ótica da assistência de enfermagem. Consiste em uma revisão integrativa realizada em Junho de 2020, utilizando 15 produções científicas disponíveis nas bases de dados LILACS, BDENF, MEDLINE e PUBMED. Os resultados organizados textualmente, dispostos em três categorias, visando nortear e possibilitar uma melhor compreensão da discussão, sendo apresentadas da seguinte maneira: I-Avaliação multidimensional da dor oncológica em pacientes idosos; II-Tratamento farmacológico e não farmacológico para alívio da dor oncológica; III- Assistência de Enfermagem no manejo da dor em idosos com câncer. Dessa forma, a dor vai além das dimensões físicas causando piora no quadro clínico do paciente, por isso é necessário desenvolver um planejamento terapêutico de ampla proporção que possa ser executado por toda a equipe multiprofissional envolvida, destacando a equipe de enfermagem e a sua assistência mais direta, imprescindíveis para o manejo eficiente desse sinal vital.

Palavras-chave: Medidas Terapêuticas, Dor oncológica, Idoso, Cuidados de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A população tem crescido notadamente no ponto de vista nacional e internacional em razão ao aumento da expectativa de vida e diminuição da taxa de mortalidade. Sendo essa situação resultante de alguns fatores, dentre eles, destaca-se a globalização, urbanização,

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, moniquepereiragba@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, andriellycavalcante11@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, dantasclarinha@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, claudia.ana.queiroz@gmail.com

⁵ Professora orientadora: Enfermeira. Mestre em Recursos Naturais pela UFCG, e-mail: nayariane@gmail.com

maior acesso a medicamentos, serviços de saúde, mudanças socioeconômicas que alteram hábitos e estilo de vida da população impulsionando o surgimento das doenças crônicas (SILOCCHI; JUNGES, 2017).

As doenças crônico-degenerativas tornam-se mais frequentes durante o processo de envelhecimento devido às alterações celulares e os fatores adquiridos com o estilo de vida adotado por cada indivíduo. Nesse sentido, evidenciam-se as alterações cancerígenas, consistindo no crescimento desordenado e acelerado das células do corpo causada por estímulos fisiológicos ou patológicos, as quais dão origem aos tumores malignos capazes de invadir órgãos e tecidos proximais, sendo esse agravo responsável por 17% dos óbitos de pessoas com mais de 60 anos de idade (BRASIL, DATASUS, 2017; INCA, 2011).

Um sintoma muito frequente nos indivíduos acometidos pelo câncer, especialmente os idosos é a dor oncológica, sendo esta vivenciada principalmente em pacientes com progressão da doença ou na fase de finitude. Esse sintoma coloca o doente em situação de sofrimento físico, psicoespiritual e até social, afetando diretamente a sua qualidade de vida. Para minimizar essa situação existem alguns medicamentos, entretanto evidencia-se que o manejo da dor não vem sendo realizado de forma adequada, em razão do despreparo dos profissionais de saúde e do conhecimento insuficiente dos riscos mediante a utilização indiscriminada de analgésicos opióides (YOKOSHIMA, et al., 2018).

A promoção do alívio da dor é uma função da equipe multiprofissional podendo realizá-lo não apenas através do tratamento farmacológico, com o uso de medicamentos, mas também do não farmacológico por meio das Práticas Integrativas e Complementares (PICs). Esse último, apesar de pouco utilizado no ambiente hospitalar, tem apresentado boa eficácia, de acordo com a literatura, pois não precisa passar pelo processo de farmacocinética e farmacodinâmica, funções modificadas pelo envelhecimento biológico (TANG, et al., 2019).

O enfermeiro é o componente da equipe multiprofissional que passa mais tempo em contato direto com o paciente, por isso é importante ter o conhecimento e domínio da avaliação e manuseio adequado dor oncológica por meio do tratamento farmacológico e não farmacológico, a fim de diminuir seus impactos na qualidade de vida do idoso (JÚNIOR, et al., 2017).

Dessa forma, os Cuidados Paliativos vem se configurando como uma opção para assegurar mais conforto para os pacientes que estão impossibilitados de tratamento terapêutico convencional ou encontram-se em finitude humana, como nos casos dos pacientes em tratamento oncológico, ofertando assim, um cuidado multidimensional e possibilitando a

promoção da sobrevivência mais digna ou da “qualidade da morte” nos estágios mais avançados das doenças crônicas (GOUVEIA, 2020; COSTA et al, 2016).

Diante da magnitude do sofrimento causado pela dor oncológica no cotidiano do paciente é indispensável o aprofundamento nos conhecimentos acerca desta temática pelos profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro, visto que, muitos ainda se sentem inseguros e despreparados para realização de certas abordagens.

Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar as abordagens terapêuticas aplicadas para o manejo da dor oncológica em pacientes idosos sob a ótica da assistência de enfermagem.

METODOLOGIA

O estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura realizada em junho de 2020, por meio de um levantamento das produções científicas, indexadas em bases de dados, destacando: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Bases de Dados de Enfermagem (BENDEF), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (PUBMED), sendo utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Cancer Pain”, “Health of the Elderly”, “Drug Therapy”, “Non-pharmacological treatment”, “Nursing Care” relacionados com o operador booleano “AND”.

Como critérios de inclusão para seleção dos artigos foram utilizados: os disponíveis gratuitamente e na íntegra, na língua portuguesa, inglesa e espanhola, publicados no período de 2014 a 2019, sendo excluídos aqueles que não responderiam ao objetivo proposto, identificados a partir da sua leitura prévia e aqueles disponibilizados de forma incompleta. Foi utilizado o método de busca avançada, categorizando assim, o título, o resumo e o assunto abordado. Após uma análise mais detalhada, ao considerar os critérios de inclusão e fazer a relação dos descritores, obteve-se uma amostra final de 15 estudos.

Sequencialmente foi realizada a análise e discussão dos resultados, sendo esta fundamentada na literatura especializada da temática. Os resultados estão apresentados de modo sistematizado e organizado em categorias, a fim de permitir uma melhor compreensão e atender à proposta inicial do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a obtenção dos resultados, foram construídas três categorias para nortear e organizar a discussão: **I-**Avaliação multidimensional da dor oncológica em pacientes idosos; **II-** Tratamento farmacológico e não farmacológico para alívio da dor oncológica; **III-** Assistência de Enfermagem no manejo da dor em idosos com câncer.

Categoria I- Avaliação multidimensional da dor oncológica em pacientes idosos

A taxa incidência e a mortalidade relativa ao câncer são mais significativas a partir dos 50 anos, tornando a idade um fator de risco importante. Diante do quadro de debilidade decorrente do envelhecimento ou de complicações advindas de processos patológicos que interferem diretamente na qualidade de vida do indivíduo, a atenção voltada a esse grupo deve ser mais intensiva e minuciosa (FALLER et al., 2016).

Dentre todos os sintomas oncológicos, a dor é um dos mais presentes, causando maior fragilidade, incômodo e sofrimento, influenciando na qualidade de vida da pessoa idosa. A dor pode ser definida como uma experiência subjetiva e desagradável de aspectos sensoriais, psicológicos, autonômicos e comportamentais. Para avaliá-la é necessário que o profissional tenha uma visão biopsicossocial do idoso, compreendendo este como um ser complexo, não avaliando apenas o desconforto apresentado (FALLER et al., 2016; FERREIRA et al., 2015).

A dor é o quinto sinal vital e deve ser avaliada com a mesma importância que os demais sinais, a equipe multidisciplinar deve estar preparada e habilitada para essa mensuração. Deve ser analisada a intensidade, localização, natureza contínua ou intermitente, se é crônica ou aguda, qual o grau de incapacidade ou prejuízo que essa dor causa no seu portador. Por exemplo, problemas no sono, humor, interação social, dependência, ansiedade, depressão, a ainda, como essa dor afeta a relação familiar (MOURA et al., 2017).

A fim de avaliar o grau e a intensidade da dor são aplicados alguns instrumentos, como as escalas unidimensionais para mensurar as experiências dolorosas com estimativas numéricas, analógicas visual, verbais e a escala de faces, ou as escalas multidimensionais que consistem em uma visão mais ampla da dor pela localização, características, estímulos sensoriais, intensidade, alívio, interferências psicológicas e afetivas. Essas escalas são utilizadas muitas vezes no ambiente hospitalar, aplicadas principalmente por enfermeiros e adaptadas conforme as necessidades do cliente e grau de escolaridade (TERASSI et al., 2017; SOUSA et al., 2016).

A dor não está relacionada somente as condições físicas do idoso em tratamento oncológico, mas ao modo de enfrentamento desse processo, as doenças crônicas concomitantes, abandono familiar, alterações psicológicas, tempo de hospitalização, disposição para atividades cotidianas e exercícios físicos. Torna-se imprescindível avaliar a qualidade do cuidado prestado ao idoso, visando amenizar os sintomas causados pelo processo patológico e garantir uma qualidade de vida mais satisfatória (FERREIRA et al., 2015; FALLER et al., 2016).

Categoria II- Tratamento farmacológico e não farmacológico para alívio da dor oncológica

A dor oncológica está ligada diretamente a multiplicação das células cancerígenas do corpo, ao tratamento, as lesões e feridas. Além de ser responsável por alterações inflamatórias, neuropáticas, isquêmicas e compressivas em vários locais do corpo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) padronizou três etapas de tratamento medicamentoso para dor oncológica: para dores leves são usados os medicamentos não opióides (primeira etapa); nas dores moderadas quando necessários os opióides fracos (segunda etapa) e os opióides fortes se a dor estiver aumentada (terceira etapa) para proporcionar o alívio da dor (RUELA et al., 2018; THINH et al., 2018).

No entanto as diretrizes da National Comprehensive Cancer Network (NCCN) e da Associação Europeia de Cuidados Paliativos (EAPC) recomendam opióides de longa duração para diminuição da quantidade de administração de doses recorrentes, do aumento a tolerância ao medicamento, evitar sobredosagem e bem estar do paciente, sendo esses medicamentos utilizados como primeira linha do tratamento da dor oncológica (HUA et al., 2018).

Segundo Guitart et al., (2019) o uso de fentanil sublingual causam diversos benefícios a população idosa, quando realizada uma comparação com jovens, embora os pacientes mais jovens tenham apresentado um alívio maior da dor oncológica, as diferença de benefícios foram mínimas entre os dois públicos. Diferente dos pacientes jovens os idosos não precisavam de grandes ajustes do tratamento e mudanças na dosagem do medicamento.

Thinh et al., (2018) realizaram um estudo com médicos e pacientes sobre a satisfação com o uso de analgésicos para alívio de dores do câncer. Os analgésicos prescritos foram: fentanil, morfina, tramadol, nonopioids, gabapentina, paracetamol, pregabalina, os resultados foram positivos para dores leves, porém quando se tratavam de dores fortes a insatisfação de médicos e pacientes tornava-se perceptível, problemas com sono e repouso eram uma das

principais queixas. Porém os efeitos dos medicamentos eram influenciados pela cultura, acesso, confiança nos fármacos e doses diárias.

O uso desses medicamentos deve ser combinado com outras terapias e com outros tipos de fármacos, visando potencializar o alívio da dor ou minimizar os sintomas causados pelos efeitos adversos do uso prolongado desses medicamentos. Efeitos como: sangramento gastrointestinal, disfunção renal e hepática, reações alérgicas, constipação, prurido, retenção urinária, náusea e tontura. Ademais, analgésicos opióides podem levar a dependência ou toxicidade aguda (Cai et al., 2018).

Cai et al., (2018) desenvolveram um estudo que elucida algumas medidas realizadas para alcançar a diminuição desses efeitos e o alívio completo da dor, apontando aspectos que proporcionam uma melhor qualidade de vida aos pacientes com dores oncológicas, ressaltando a utilização da escala de três etapas da OMS e a medicina tradicional chinesa. Após 14 dias com a prática da acupuntura e o uso fitoterápico foi comprovada a eficácia clínica do tratamento no alívio da dor do câncer, redução dos efeitos colaterais relacionados aos analgésicos adjuvantes e melhora da qualidade de vida desses pacientes.

Ruela et al., (2018) apresentam o uso de acupuntura auricular para o manejo da dor em portadores de câncer que encontram-se em tratamento quimioterápico, mostrando uma prática eficiente, segura, eficaz, de baixo custo e que têm amenizado o uso de analgésicos. A telerreabilitação é uma prática inovadora que utiliza a tecnologia para o tratamento, associada à redução do tempo de internação, aumento do vínculo entre equipe e paciente, alívio da dor, diminuição da necessidade de cuidados pós-agudos nos pacientes com câncer em estágio avançado e com incapacidade funcional (CHEVILLE et al., 2019)

Categoria III- Assistência de Enfermagem no manejo da dor em idosos com câncer

A dor é o sintoma mais comum em idosos com câncer, o cuidado com essa dor é fundamental para a qualidade de vida e conforto. A enfermagem tem papel fundamental no gerenciamento da dor, tendo como responsabilidade a avaliação, plano de cuidados, Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), diagnósticos de enfermagem, intervenções farmacológicas e não farmacológicas, o monitoramento e tratamento dos efeitos colaterais analgésicos, melhor comunicação entre profissionais e pacientes, além da importante formação de vínculo com os familiares e cuidadores (SONG et al., 2015).

Pimentel et al., (2015) referem o cuidado de enfermagem a idosos em tratamento oncológico residentes em casas de repouso. A equipe de enfermagem avalia a frequência, intensidade, localização exata da dor e os medicamentos utilizados diariamente, conforme a classificação da OMS. O cuidado de enfermagem baseia-se na verbalização do idoso, nos prontuários e na avaliação diária, porém, existem dificuldades no tratamento adequado quando este indivíduo possui comprometimentos cognitivos, relutância médica para prescrição de alguns medicamentos, presença de comorbidades e aumento do risco dos efeitos adversos.

De acordo com a pesquisa de Eaton et al., (2015), a equipe de enfermagem não realiza os cuidados com a dor oncológica baseado em evidências científicas, consideram apenas as preferências do paciente e a experiência clínica adquirida mediante decisões clínicas anteriores. Em primeira instância a enfermagem utiliza como ferramenta a Sistematização de Assistência de Enfermagem SAE que consiste em: anamnese (coleta de dados), planejamento (traçar diagnósticos de enfermagem, planejar intervenções), implementação (colocar as ações em prática) e avaliação dos resultados alcançados com as ações realizadas (SONG et al., 2015).

Para o alívio da dor, as intervenções mais aplicadas consistem na administração de fármacos, identificação e tratamento de efeitos adversos mais frequentes, como: constipação, depressão respiratória, sedação, náusea e vômito, e ainda evidencia a necessidade de orientar pacientes, familiares e cuidadores quanto ao cuidado com a dor. Durante a avaliação dos resultados investiga-se se houve o alívio da dor, caso não tenha sido minimizada com as terapêuticas adotadas, recomenda-se a utilização de medidas não farmacológicas, ressaltando a musicoterapia, massagem, escuta qualificada (XAVIER et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa permitiu compreender que a dor é um sintoma muito presente em pacientes oncológicos, principalmente durante a fase mais avançada da doença, ultrapassando as dimensões físicas e agravando o quadro clínico do paciente, tornando-se imprescindível um bom planejamento terapêutico e intervenções mais efetivas.

A equipe de enfermagem é considerada uma categoria importante para o manejo eficiente desse sintoma, tornando-se essencial utilizar os conhecimentos científicos para avaliar a dor uni e multidimensionalmente e melhor compreender as abordagens terapêuticas

farmacológicas e seus efeitos colaterais e, ainda as medidas não farmacológicas, visando uma escolha segura e eficaz com menos efeitos indesejados.

O presente estudo fornece informações pertinentes sobre o cuidado ao idoso em tratamento oncológico e as abordagens terapêuticas utilizadas, ressaltando a necessidade de sensibilizar e capacitar a equipe multiprofissional a assegurar uma assistência qualificada ao idoso em tratamento oncológico e possibilitar uma qualidade de vida mais digna, visto que o câncer é um dos agravos mais frequentes no envelhecimento.

A terapêutica farmacológica utilizada com mais intensidade e frequência pode implicar em consequências bem significativas para a saúde do idoso com câncer, devido a presença de outras comorbidades, como as DCNT e a necessidade de utilização de polifármacos, sendo indispensável compreender as interações medicamentosas, os efeitos adversos e colaterais, além da farmacocinética e da farmacodinâmica, funções alteradas mediante o envelhecimento.

O Tratamento não farmacológico é uma alternativa que vem sendo inserida aos poucos na rotina de cuidados com a dor oncológica, associada ao tratamento farmacológico, implicando em efeitos satisfatórios para o alívio desse desconforto. Logo, torna-se imprescindível desenvolver mais pesquisas que abordem essa temática, evidenciando discussões sobre a eficiência dessa alternativa não farmacológica e a importância da assistência de enfermagem fundamentada nas etapas da SAE, incluindo as intervenções preconizadas nos cuidados paliativos, ampliando os cuidados e o apoio aos familiares e cuidadores em todas as fases do processo de adoecimento e finitude, inclusive durante o luto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer-INCA. **ABC do câncer:** abordagens básicas para o controle do câncer. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abc_do_cancer.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

CAI, P. et al. Uma compressa quente para medicina chinesa (Wen Jing Zhi Tong Fang), combinada com o tratamento em escada analgésica em três etapas da OMS para alívio da dor do câncer. **Medicine**. v. 97, n. 11, p. 9965, 2018. Disponível em: <https://journals.lww.com/mdjournal/Fulltext/2018/03160/A_Chinese_medicine_warm_compress__Wen_Jing_Zhi.26.aspx>. Acesso em: 08 jun. 2019.

CHEVILLE, A. L et al. Efeito da telerreabilitação colaborativa no comprometimento funcional e na dor entre pacientes com câncer em estágio avançado. **JAMA Oncol**, v.5, n.5, p. 644-652, 2019. Disponível em: <

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6512772/>. DOI: < 10.1001 / jamaoncol.2019.0011>. Acesso em: 09 jun. 2019.

COSTA, RS et al. Reflexões bioéticas acerca da promoção de cuidados paliativos a idosos. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 108, p. 170-177, Jan-Mar, 2016.

EATON, L. H. et al. Crenças e comportamentos de práticas baseadas em evidências de enfermeiros que fornecem tratamento da dor no câncer: uma abordagem de métodos mistos. **Oncol Nurs Forum**. v, 42, n.2, p.165-173, 2015. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4422834/>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

FALLER, J. W. et al. Escala multidimensional na avaliação da dor e sintomas de idosos em cuidados paliativos. **Cogitare Enferm**. n. 21. v.2, p. 01-10. 2016. Disponível em: <<http://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/07/681/45734-182071-1-pb.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

FERREIRA, V. T. K. et al. Avaliando o impacto da dor na vida de sobreviventes de câncer de mama usando o Brief Pain Inventory. **J Phys Ther Sci**. v.27, n.5, p. 1361–1363, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4483397/>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

GOUVEIA, M.P.G. A necessidade de cuidados paliativos em pacientes com doenças crônicas: um diagnóstico situacional em um hospital universitário. **Rev. bras. geriatr. gerontol**. vol.22 n.5 Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232019000500205&lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2020.

GUITART, J. et al. Efeitos da idade entre pacientes idosos com câncer no tratamento inovador da dor com comprimidos sublinguais de fentanil. **Drogas RD**. v. 19, n. 3, p. 247–254, 2019. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6738361/>>. DOI:< 10.1007 / s40268-019-0276-x>. Acesso em: 09 jun. 2020.

HUA, X. et al. Eficácia da oxicodeona de liberação controlada para reduzir a dor devido à mucosite oral em pacientes com carcinoma nasofaríngeo tratados com quimiorradioterapia concomitante: um estudo clínico prospectivo. **Supportive Care in Cancer**. v. 27.p. 3759–3767, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s00520-019-4643-5.pdf>>. DOI: <<https://doi.org/10.1007/s00520-019-4643-5>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

JÚNIOR, N.J.O., et al. O papel da enfermagem no tratamento não farmacológico da dor de pacientes oncológicos. **Rev. dor** vol.18, no.3, São Paulo jul./set. 2017. DOI:<http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20170112>. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132017000300261&lng=pt&tlng=pt#B5>. Acesso em: 09 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS, Sistema de Informação de mortalidade – SIM, 2015. Disponível em: <<http://datasus.saude.gov.br/sistemas-e-aplicativos/eventosv/sim-sistema-de-informacoes-de-mortalidade>> Acesso em: 08 jun. 2020.

MOURA, C. C. et al. Impactos da dor crônica na vida das pessoas e a assistência de enfermagem no processo. **Av Enferm.** 2017; v. 35, n. 1, pag. 53- 62. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v35n1/v35n1a06.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

PIMENTEL, C. B. et al. Manejo da Dor entre Residentes de Enfermagem com Câncer. **J Am Geriatr Soc.** v.63, n.4, p. 633-641, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4408881/>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

RUELA, L.O. et al. Eficácia da acupuntura auricular no tratamento da dor oncológica: ensaio clínico randomizado. **Rev. esc. Enferm.** v. 52. n. 3, p. 402, 2018;. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v52/1980-220X-reeusp-52-e03402.pdf>>. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017040503402>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

SILOCCHI, C; JUNGES, J.Q. Equipes de Atenção Primária: Dificuldades no cuidado de pessoas com Doenças Crônicas Não Transmissíveis. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 599-615, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v15n2/1678-1007-tes-1981-7746-sol00056.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SONG, W. et al. Avaliação da prática de gerenciamento da dor de enfermagem baseada em evidências. **Pain Manag Nurs**, v. 16, n.4, p. 456–463, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4531385/pdf/nihms626682.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SOUSA, F. A. E. F. et al. A dor desde a perspectiva do ciclo de vida: avaliação e medição através de métodos psicofísicos de estimação de categoria e magnitude. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** v.24, e. 2769, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-24-02769.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

TANG, S.K. et al. The effectiveness, suitability, and sustainability of non-pharmacological methods of managing pain in community-dwelling older adults: a systematic review. **BMC Public Health.** n. 08, nov. 2019. Disponível em:<<https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-019-7831-9>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

TERRASSI, M. et al. Comparação do desempenho cognitivo de idosos cuidadores com e sem dor crônica. **Rev Esc Enferm USP.** v.51, e. 03260, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt_1980-220X-reeusp-51-e03260.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

THINH, D. H. Q. et al. Satisfação de pacientes e médicos com tratamento analgésico: resultados do estudo sobre tratamento analgésico para dor no câncer no sudeste da Ásia (ACE). **Hindawi.** p. 8, 2018. Disponível em: <<http://downloads.hindawi.com/journals/prm/2018/2193710.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

XAVIER, E. C. L. et al . Diagnósticos de enfermagem em cuidados paliativos oncológicos segundo diagrama de abordagem multidimensional. **Enferm. Foco.** v.10, n.3, p. 152-157. 2019; Disponível em: <

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4531385/pdf/nihms626682.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

YOKOSHIMA, Y. et al. Gamma aminobutyric acid transaminase genetic polymorphism is a candidate locus for responsiveness to opioid analgesics in patients with cancer pain: An exploratory study. **Neuropsychopharmacology Reports**. v.38, n.4, p.175 – 181, 2018. Disponível em:< <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-30277654>>. Acesso em: 28 jun. 2020.